

Jornalismo de dados e jornalismo econômico: Intersecções, contribuições e uma proposta de manual

Data journalism and business journalism: Intersections, contributions and the proposition of a handbook

Mariana Segala¹ e Ana Cristina Menegotto Spannenberg²

Resumo: O jornalismo de dados emerge das implicações técnicas, sociais e institucionais do advento das redes. Reflete fenômenos como o maior acesso a bases de dados e o movimento pela transparência. Tradicionalmente associado ao manuseio de números, o jornalismo econômico pode se valer dele para aperfeiçoar seus produtos. Pretende-se demonstrar como um manual, de caráter didático, sobre a aplicação de técnicas, práticas e ferramentas de jornalismo de dados na cobertura de economia pode servir a este fim.

Palavras-Chave: Jornalismo de dados. Dados. Jornalismo econômico.

Abstract: Data journalism emerges from the technical, social and institutional implications from the advent of networks. It reflects phenomena such as the growing access to databases and the transparency movement. Traditionally associated with number manipulation, business journalism can make use of it to improve its products. This article intends to show how a didactic handbook about the use of techniques, practices and tools of data journalism on business journalism can serve to this purpose.

Keywords: Data journalism. Data. Business journalism.

.....

¹ Jornalista freelance, mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (msegala@gmail.com / www.facebook.com/msegala / www.sigaosnumeros.wordpress.com)

² Jornalista, docente do Curso de Jornalismo e do Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (anaspann@gmail.com / anacristina@faced.ufu.br)

1 Introdução

Ao longo da história, o desenvolvimento tecnológico e a evolução da imprensa têm se mostrado variáveis indissociáveis. Os processos de produção e o conteúdo do jornalismo se transformaram inúmeras vezes pelos séculos a cada nova descoberta, conforme Sterling (2009) – foi assim com a prensa de tipos móveis do século XV ou com as linhas de telégrafo a partir do século XIX. O surgimento e quase dominação da internet em fins do século XX teve impacto semelhante. Da mesma forma, o crescimento das conexões sem fio está novamente transformando o processo de coletar e relatar as notícias. O desenvolvimento do que se convencionou chamar de jornalismo de dados (ou jornalismo guiado por dados) inclui-se nesse contexto. À parte as variações terminológicas, por jornalismo de dados entende-se, conforme Barbosa e Torres (2013), aquele produzido com dados que podem ser gerados e disponibilizados por fontes públicas e privadas, estejam esses dados estruturados em sua forma mais bruta (como em planilhas) ou publicados segundo padrões de design e formatos adaptados à narrativa jornalística. Com raízes no jornalismo de precisão de Philip Meyer, essa forma contemporânea do jornalismo ora é tida como processo, ora como produto (ROYAL, BLASINGAME, 2015). Enxerga os dados ora como fonte de informação, ora como ferramenta para contar uma história, ora como as duas coisas simultaneamente (BRADSHAW, 2014).

Ainda que dados, números, tabelas e gráficos sejam há muito utilizados na produção e na publicação de notícias, apenas nas últimas décadas foram amplamente disseminados e passaram a adquirir o status de componente fundamental do fazer jornalístico. E isso em função, exatamente, de desenvolvimentos técnicos relacionados ao advento da internet e de suas implicações sociais e institucionais. O nascimento do jornalismo de dados, conforme Rogers (2013), reflete, entre outros aspectos, o crescente movimento global pela transparência, a imensidão de dados disponíveis na internet, a disseminação de softwares e aplicativos de análise de planilhas e a ascensão do interesse por visualizações que facilitem a compreensão dos próprios dados.

Dizem os profissionais imbuídos do tema que o jornalismo de dados, em breve, será chamado apenas de jornalismo³. O uso de dados para reportar fatos seria um caminho sem volta, em qualquer área de especialização do campo. Que dizer, então, da área que tradicionalmente esteve em contato mais próximo com os números: o jornalismo econômico. O termo é descrito por Quintão (1987, p. 21) como “a difusão da notícia e da análise de economia e dos assuntos financeiros, através dos meios de comunicação”, surgida como necessidade orgânica do sistema capitalista. Conforme as estatísticas passaram a ser incorporadas nas notícias dos jornais, em fins do século XIX, seja na forma de figuras, de listas ou de tabelas, tanto mais elas ficaram presentes na cobertura de economia – tabelas com os preços das ações, por exemplo, passaram a ser publicados em jornais como *The Wall Street Journal* ainda nos anos 1880, muito antes dos sistemas de dados das bolsas de valores se tornarem eletrônicos (HOWARD, 2014).

Partindo-se do pressuposto de que para cobrir bem os assuntos de economia é preciso ter certa – ou mínima – proximidade com números e planilhas, verifica-se que o domínio de técnicas, práticas e ferramentas de jornalismo de dados é uma habilidade desejável para os jornalistas da área. O jornalismo, afinal, é um campo do conhecimento em franca e radical transformação. Conforme Lorenz (2014b), os jornalistas eram vistos, no passado, como o único meio possível de distribuição de informações sobre o que acontecia. Com a internet, as notícias circulam de forma praticamente simultânea com o desenrolar dos acontecimentos. Elas partem de fontes múltiplas, são publicadas em blogs e passam pelo filtro das conexões sociais. O jornalismo de dados é a ferramenta que permite juntar informações, filtrá-las e visualizá-las além do básico, o que tem valor crescente. Diz o autor: “A linguagem desta rede são os dados: pequenos pontos de informação que muitas vezes não são relevantes em uma primeira instância, mas que são extraordinariamente importantes quando vistos do ângulo certo” (2014, s.p.). Este artigo se propõe exatamente a apresentar um manual sobre a aplicação de técnicas, práticas e ferramentas de jornalismo de dados na cobertura de economia – produto do Mestrado Profissional Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação

³ Damian Radcliffe, professor de jornalismo da Universidade do Oregon, defendeu esse posicionamento durante o evento de lançamento do livro *Data Journalism: Inside the global future*, em novembro de 2015, conforme apresentação disponível no link <<https://pt.scribd.com/document/290486681/Data-Journalism-Inside-the-global-future>>. Último acesso: 27 jan. 2017.

e Educação da Universidade Federal de Uberlândia – como elemento que facilite o trânsito dos profissionais da comunicação pelas duas áreas, fomentando apurações mais bem embasadas a partir de instrumentos simples e de uso imediato.

2 Jornalismo de dados

As origens do uso de dados na prática jornalística contemporânea não são precisas, mas há relatos de sua aplicação há pelo menos dois séculos. A primeira edição do jornal inglês *The Guardian*, em maio de 1821, estampava um texto e uma tabela, com uma lista de escolas de Manchester e de Salford, o número de crianças matriculadas e quantas delas recebiam educação gratuita. Isso causou frisson, porque, por analogia, escancarava quantas crianças pobres havia nas duas cidades – a tabela indicava que 25 mil crianças estudavam de graça, enquanto as estimativas oficiais eram de 8 mil (ROGERS, 2013). Nos Estados Unidos, em setembro de 1849, o jornal *The New York Tribune* publicou na capa um gráfico de linha pioneiro, com o número de mortes causadas por uma epidemia de cólera que acometera a cidade. Recursos visuais se encontravam, na época, em publicações acadêmicas ou de engenharia, mas eram raros na imprensa antes de 1860 (KLEIN, 2016).

As formas mais recentes e semelhantes ao que hoje se chama de jornalismo de dados datam da segunda metade do século XX. Em 1952, uma equipe de jornalistas e programadores da rede americana CBS usou estatísticas de eleições anteriores e computadores para desenvolver modelos estatísticos que previssem o resultado das eleições presidenciais – com apenas 5% da apuração, foi possível cravar o resultado esperado (a vitória de Dwight D. Eisenhower) com relativa precisão (HOWARD, 2014). A partir da década de 1960, tornaram-se mais frequentes as coberturas que analisavam bases de dados públicos com métodos científicos, em especial nos Estados Unidos. Em 1967, Philip Meyer, no *Detroit Free Press*, provou com dados que não apenas pessoas com baixo nível educacional, como se afirmava, mas também estudantes universitários, participavam de protestos em Detroit. Na década seguinte, a experiência e a reflexão acadêmica na área levariam Meyer a cunhar o conceito de “jornalismo de precisão”, descrito em livro homônimo publicado em 1973. Segundo o autor, trata-se de aplicar os métodos de pesquisa das ciências sociais e do comportamento à prática do jornalismo, permitindo que ferramentas

como a análise computacional e as inferências estatísticas ampliem o poder dos repórteres sem alterar sua missão de encontrar os fatos, entendê-los e explicá-los (MEYER, 1991).

Os exemplos de uso de dados se tornaram mais fartos na época. O jornal *The Washington Post*, por exemplo, usou técnicas de análise de dados para mostrar como jovens eram recrutados para a guerra do Vietnã. No início dos anos 1970, o jornal *Philadelphia Inquirer* contratou um jornalista para se dedicar em tempo integral ao estudo dos dados do censo – foi o primeiro a fazer algo do tipo. Nos anos 1980, Bill Dedman revelou, no *Atlanta Journal-Constitution*, comportamento racista nas políticas de crédito de grandes instituições financeiras e, na década de 1990, Steve Doig, do *Miami Herald*, evidenciou falhas nas políticas de planejamento urbano da Flórida após a passagem do furacão Andrew (BOUNEGRU, 2013; ÁVILA, 2013).

No mundo hispânico, segundo Ávila (2013), as primeiras menções ao jornalismo de precisão datam apenas de 1992, em publicações de jornais como o espanhol *El País*. Nos países latino-americanos, que viveram décadas de governos ditatoriais, as discussões sobre imprensa até fins dos anos 1980 eram ainda mais elementares – pairavam sobre a liberdade de expressão, passando longe das bases de dados e dos métodos científicos. Um incentivo considerado fundamental para o desenvolvimento da prática do jornalismo de precisão em solo americano foi a edição da Lei de Liberdade de Informação, ou “Foia” na sigla em inglês, que garantiu acesso dos cidadãos a informações do governo federal. Na Espanha, uma lei parecida só entrou em vigor em 2013.

No Brasil, onde a Lei de Acesso à Informação passou a vigorar em 2012 (BRASIL, 2015), Träsel (2014b) aponta que algumas iniciativas de reportagem com auxílio de computador passaram a ocorrer a partir dos anos 1990, com o uso, por exemplo, de dados do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal (Siafi) por jornalistas para escrever reportagens. O surgimento de equipes dedicadas ao jornalismo de dados, no entanto, é muito mais recente. Entre os grandes jornais, a prática foi inaugurada em 2012 por *O Estado de S. Paulo*, com o projeto *Estadão Dados*, idealizado e colocado em marcha pelo jornalista José Roberto Toledo, um veterano da reportagem assistida por computador (RAC) no Brasil. Foi um movimento que, na sequência, acolheria também o *Folha SP Dados*, do jornal *Folha de S. Paulo*, e iniciativas de jornais locais, como o paranaense *Gazeta do Povo* e

o gaúcho *Zero Hora*. De fato, o jornalismo de dados, segundo o Träsel, vem sendo constituído como prática na cultura jornalística brasileira em paralelo ao processo de informatização das redações. E aos poucos, parece levar os jornalistas a tomar “emprestadas” para si certas características bem próprias da cultura hacker – caso da crença no uso da informática como forma de reduzir ou eliminar o erro humano e da aposta em valores como transparência e compartilhamento (TRASEL, 2014a). É algo novo em uma profissão marcada pelo individualismo.

Se é novo na prática profissional, o jornalismo de dados é um tema ainda mais jovem no campo científico. Por isso, percebe-se que o conceito em si ainda está em construção. Royal e Blasingame (2015) propuseram uma definição padronizada de jornalismo de dados, a partir de um levantamento incluindo 63 menções ao termo presentes em artigos científicos, websites especializados e entrevistas com profissionais. As menções tanto foram quantificadas a partir de softwares de contagem de palavras, quanto codificadas e categorizadas quanto a seu conteúdo. Baseados na análise dos temas prevalentes e das dimensões identificadas, concluíram que:

Jornalismo de dados é um processo pelo qual análises e apresentações de dados são empregados para melhor informar e engajar o público. Suas raízes estão nos campos da reportagem investigativa e com auxílio de computador, mas os produtos do jornalismo de dados devem acrescentar engajamento através da customização e da contribuição dos usuários, o que é possível a partir de técnicas de desenvolvimento e programação. (ROYAL, BLASINGAME, 2015, s.p.)

Cabe ressaltar que se disseminou, nos últimos anos, o mito de que jornalismo de dados precisa ser complicado, espetacular ou intensivo em recursos (BRADSHAW, 2015). Entretanto, conforme o autor, para cada apuração de alcance global realizada a partir de dados há dúzias de usos deles no dia a dia que podem passar despercebidos nas redações. Tanto este artigo quanto o manual de jornalismo de dados aplicado ao jornalismo econômico cujo desenvolvimento ele detalha foram forjados a partir da visão de Bradshaw. No lugar de arvorar-se a condição de obra abrangente e definitiva sobre o assunto, o manual procura apontar para o amplo leque de possibilidades aberto pelas práticas, técnicas e ferramentas do jornalismo de dados, selecionando dentre elas o que há de mais simples e imediatamente útil para o trabalho cotidiano de um jornalista de economia.

2 Jornalismo econômico

A informação econômica circula desde as mais primitivas formas de jornalismo existentes no mundo. Nos séculos XVI e XVII, as famílias ricas da Europa costumavam contratar correspondentes para que lhes redigissem cartas periódicas sobre a economia e os negócios de cada canto do continente – o caso da família alemã de banqueiros Fuggers, que, por 60 anos, até 1604, usou centenas dessas cartas para definir a quem (e por quanto) emprestar dinheiro, é emblemático da época. Alguns jornais foram criados, nos séculos XVIII e XIX, exatamente para permitir que empreendedores informassem à comunidade os produtos ou serviços que tinham para vender. Muitos não passavam de compilados de listas de preços, por vezes sem conteúdo editoria (STERLING, 2009). Desde então, a cada onda de desenvolvimento econômico de um país, novos veículos dedicados a esse tipo de cobertura apareceram.

Nos Estados Unidos dos tempos da Revolução Industrial, jornais pioneiros, como o *New York Herald*, passaram a dedicar seções específicas aos acontecimentos econômicos já em 1835. Proprietário do *Herald*, James Gordon Bennett era um ex-professor de economia e escrevia com regularidade o que chamava de “money page” (ou “página do dinheiro”), tentando explicar os movimentos de alta e de baixa do mercado acionário de então. Décadas mais tarde, em 1889, nasceu o *The Wall Street Journal*, já imerso em um cenário em que as empresas se tornaram maiores e mais complexas – e que, exatamente por isso, se transformaram em foco de atenção do jornalismo (STERLING, 2009). O Journal se tornaria uma referência em informação econômica e financeira, fama que mantém ainda hoje.

Da mesma forma, no Brasil, conforme Caldas (2003, p. 11), “o jornalismo econômico tem a mesma idade da imprensa”, pois “não há registro de um jornal sem notícias de fatos econômicos”. Mas a existência de jornalismo especializado, de fato, em assuntos de economia data apenas da década de 1950. Nos grandes jornais de informação geral, a cobertura do tema se restringia, na época, a pequenas notas e artigos isolados originados, basicamente, das agências internacionais de informação ou do Ministério da Fazenda. O acompanhamento mais sistemático da indústria e do comércio ficava a cargo dos chamados jornais do comércio, de propriedade privada, muitas vezes editados pelas associações comerciais dos estados. Suas fontes de receita eram publicações legais, como editais,

protestos, balanços e comunicados de empresas. O jornal *O Estado de S. Paulo* tornou-se, em 1949, o primeiro jornal de informação geral a ter um caderno dedicado à cobertura de economia com circulação regular – o *Suplemento Comercial e Industrial*, que era semanal (QUINTÃO, 1987).

Foi partir de 1964, ano de instalação do regime militar no Brasil, que a cobertura de economia ganhou importância e prestígio. Conforme Quintão (1987), o colunismo analítico que marcava os textos anteriormente passou a dar espaço à pauta mais factual, focada na cobertura, mais tarde, do chamado Milagre Econômico, período de grande crescimento registrado entre as décadas de 1960 e 1970. O fato é que a redução da atividade política, em função das restrições impostas pela ditadura militar, também fez cair o espaço dessa cobertura – até então dominante – na imprensa. O desenvolvimento do mercado de capitais e o “boom” do mercado de ações levaram à criação de editorias de economia nas redações, contando com repórteres especializados. O surgimento do *Diretor Econômico*, em 1970, suplemento diário do *Correio da Manhã* carioca, focado na cobertura do mercado acionário, marcou o início de uma nova espécie de jornalismo econômico no Brasil, com o papel de manter o caráter hegemônico da informação financeira de mercado. Esse novo estilo de cobertura seria consolidado, nos anos seguintes, com a *Gazeta Mercantil*, resultado da união de duas publicações econômicas mais antigas (o boletim comercial *Levy* e a revista financeira *Levy*) – extinta em 2009, era um jornal de negócios aos moldes de *The Wall Street Journal* e *Financial Times* (QUINTÃO, 1987).

Nas décadas que se seguiram, o que se percebeu foi um aumento do espaço – físico, de fato – dedicado ao jornalismo econômico na imprensa. Entre 1968 e 1988, os três principais jornais de São Paulo aumentaram de 1,5 para 6,5 as páginas diárias dedicadas ao noticiário de economia (KUCINSKI, 2007). A partir da década de 1990, com o desenvolvimento tecnológico da informática e das telecomunicações, outro grande salto foi observado nesse ramo de jornalismo especializado: o da informação online especificamente destinada ao mercado financeiro. Desde a década de 1970 agências de notícias internacionais como *Dow Jones & Company*, *Reuters* e *Bloomberg* passaram a investir em tecnologias que permitissem aos agentes do mercado acompanhar o ambiente econômico com mais agilidade (KUCINSKI, APUD PULITI, 2013). No Brasil, à frente de um movimento semelhante

esteve a *Agência Estado*, agência de notícias do jornal *O Estado de S. Paulo*. Criada nos anos 1970 com o objetivo de vender as notícias produzidas pelo jornal para veículos de outros estados, mudou os rumos das suas atividades em 1991, ao comprar a *Broadcast* – empresa que, na época, se resumia a vender cotações das bolsas de valores. Com esse movimento, então, a *Agência Estado* passou a atender um novo tipo de cliente: os operadores do mercado financeiro, para quem fornece – ainda hoje – dados e notícias em tempo real por meio de um terminal pago, acessível mediante assinatura (CALDAS, 2003).

Conforme ganharam credibilidade, as agências de notícias com enfoque econômico-financeiro acabaram influenciando o funcionamento da mídia tradicional – que assumiu o ritmo de produção acelerado, ampliou o espectro de temas econômicos cobertos e passou a priorizar o aspecto técnico nas notícias de economia. Aliado a um gradual enxugamento das redações, o agendamento da imprensa econômica pelas informações das agências de notícias – que, ressalte-se, tinham como clientes os agentes do mercado financeiro – se ampliou (SILVA, 2002). Este é um dos aspectos que ajudou a moldar a fase atual do jornalismo econômico no Brasil, que Puliti (2013) chama de financeirização do noticiário. Surgem novas publicações – como o jornal *Valor Econômico*, fundado em 2000, um dos últimos grandes lançamentos da área no país – e, na maioria, predominam as fontes e os temas de interesse do mercado financeiro. Ao mesmo tempo, conforme a autora, assuntos econômicos de cunho social, como investimentos em saneamento básico, habitação e obras de infraestrutura, ganham menos destaque nas páginas de economia – sua publicação talvez tenha sido deslocada para outras editorias. Conforme Park (2016), o conteúdo da imprensa econômica reflete, cada vez mais, o interesse na rentabilidade, no enriquecimento e no sucesso individual, marcas indelévels do sistema capitalista neoliberal global. A perda de força do debate e da reflexão sobre a macroeconomia e a ascensão desse outro tipo de cobertura é, conforme a autora, não uma tendência, mas uma realidade no Brasil e no mundo.

Assim, a cobertura do jornalismo econômico costuma ser organizada atualmente segundo uma subdivisão em três grandes modalidades – com a mesma raiz, mas temas e formatos distintos (Kucinski, 2007; Basile, 2011). Há a cobertura de políticas de governo e questões macroeconômicas, onde são publicadas as reportagens sobre as contas nacionais, a inflação, o rumo dos juros, o nível de emprego, o crescimento do país, o endividamento

público. Há a cobertura de negócios e empresas, com reportagens focadas menos nas variáveis macroeconômicas e mais nos agentes econômicos (empresários, trabalhadores ou consumidores) interagindo entre si em busca de algo em comum, que é o lucro. Há, por fim, o jornalismo financeiro, que abarca reportagens sobre a bolsa de valores, o mercado de capitais e os investimentos pessoais.

Ainda que guardem suas especificidades, as três modalidades mantêm características comuns. Uma delas é o nível elevado de setorização dos jornalistas – que, sendo conhecedores de cada pequena porção do espectro econômico, teriam condições tanto de desenvolver reportagens mais completas e sofisticadas quanto de dar mais “furos”, ou notícias em primeira mão. A outra é o recurso frequente aos dados. Das editorias de uma redação, a de economia talvez seja aquela em que os números estão presentes há mais tempo e com mais regularidade. Conforme Howard (2014), muito antes dos sistemas de dados das bolsas de valores se tornarem eletrônicos os jornais já estampavam nas suas páginas os preços das ações. A *Dow Jones & Company*, por exemplo, passou a publicar cotações de ações ainda em 1884, por meio do jornal *The Wall Street Journal*. A difusão de dados desse tipo se tornou uma marca tão forte dos veículos de economia que não são raros os que, hoje, lucram vendendo dados tanto quanto ou mais do que com suas atividades editoriais – caso das agências de notícias com enfoque financeiro mencionadas anteriormente. Lorenz (2014a) descreve que, operando cerca de 300 mil terminais por assinatura, a *Bloomberg* compila e fornece dados financeiros – além de notícias – aos seus clientes. O conglomerado de mídia *Thomson Reuters* faz o mesmo – há duas décadas, deixou o negócio de jornais e se focou nas informações financeiras. A conhecida revista britânica *The Economist*, especializada na cobertura de economia, há alguns anos criou uma empresa de consultoria, elaboração de relatórios sobre tendências relevantes e previsões para quase todos os países do mundo chamada *The Economist Intelligence Unit* – que, aliás, se tornou fonte de informação de milhares de outros veículos de comunicação.

3 O manual

Roush (2016) diz que, atualmente, os repórteres de economia têm “um tesouro de bancos de dados a partir dos quais extrair informações para escrever reportagens”. A internet,

afinal, defende o autor, tornou possível a eles obter “grande parte da informação de que precisam para escrever sobre um empreendedor ou uma empresa acessando alguns sites, sem sair de sua mesa na redação”. Encontrar e manusear dados econômicos, no entanto, pode não ser algo trivial, dada a complexidade tanto do jargão do mundo dos negócios quanto dos meandros da divulgação dos dados. Nesse contexto, investir na criação de materiais de caráter didático cujo conteúdo reúna aspectos fundamentais tanto do jornalismo econômico quanto do jornalismo de dados parece um campo ainda por ser explorado. Da reflexão sobre como os jornalistas podem utilizar os instrumentos próprios do jornalismo de dados para cobrir os temas de interesse do jornalismo econômico foi desenvolvido *Siga os Números: Introdução ao uso de dados no jornalismo de finanças e negócios*, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, no curso em nível de Mestrado Profissional Interdisciplinar.

Trata-se de um manual sobre a aplicação de técnicas, práticas e ferramentas de jornalismo de dados na cobertura jornalística de economia, com especial atenção dedicada às seções de finanças e negócios. Apresentado como um e-book (em formato HTML), o conteúdo está disponível em um site aberto e gratuito, acessível no endereço <www.sigaosnumeros.wordpress.com>. O formato de manual insere o produto na proposta da educação permanente, nos moldes descritos pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) há mais de 40 anos. Segundo a entidade, deve-se partir do pressuposto de que o homem, ser inacabado, não pode se realizar a não ser pela aprendizagem constante, ideia baseada na economia, na sociologia e na investigação psicológica. Partindo daí, tem-se que há espaço para a educação em todas as idades da vida e na multiplicidade das situações e circunstâncias da existência. Se os indivíduos devem ter a chance de aprender durante toda a vida, é preciso ampliar e diversificar a oferta de educação, seja em instituições educacionais ou não, e valorizar a autodidaxia, especialmente a assistida (WERTHEIN, CUNHA, 2005).

O público-alvo de *Siga os Números* são estudantes de jornalismo e jornalistas pouco familiarizados com jornalismo de dados, com jornalismo econômico ou com as duas áreas. É o caso, por exemplo, de jornalistas iniciantes ou de profissionais experimentados que estejam em transição de carreira. O foco do manual foi assim definido em função de algumas

premissas. Primeiro, a cobertura de economia não costuma ser a área de atuação mais almejada por estudantes de jornalismo. Em uma amostra de 103 estudantes de jornalismo de três universidades federais brasileiras, a editoria de economia foi a sexta opção profissional citada por eles (Gehlen, 2016). É no jornalismo econômico, no entanto, que residem mais oportunidades de emprego (Caldas, 2005). Depois, a percepção generalizada de que jornalistas não se dão bem com números limita o campo de atuação dos profissionais. Na amostra de Gehlen (2016), 73% dos estudantes de jornalismo afirmaram não gostar de matemática e 42% dizem que não se sentem aptos para lidar com números na sua atuação profissional – mas 70% admitiram que precisarão lidar com esses temas no seu trabalho como jornalistas. Por fim, é um fato que, com o tempo, muitos jornalistas percebem as vantagens de ter fluência com os números – se entre os estudantes de jornalismo 46% se disseram interessados em cursar disciplinas de matemática aplicada ao jornalismo, entre uma centena de jornalistas profissionais pesquisados por Gehlen (2016) 81% disseram que gostariam de participar de cursos sobre matemática ou estatística aplicada ao jornalismo.

A pesquisa e a análise de treinamentos voltados para jornalistas que circundassem as temáticas do jornalismo de dados e do jornalismo econômico foram as atividades mais relevantes para estabelecer a gama de assuntos que comporiam o e-book. Há, afinal, uma variedade de cursos online – como os organizados e oferecidos por entidades como a Abraji – e materiais com características de tutoriais sobre práticas, técnicas e ferramentas próprias do jornalismo de dados, assim como sobre a cobertura de economia (ainda que eles sejam muito mais abundantes em inglês, e bastante mais raros em língua portuguesa). O conteúdo final do manual é apresentado em seções. A maior parte delas foi condensada em dois grandes grupos. Um bloco (intitulado “Descomplicando os dados”) abrangeu as seções de caráter conceitual e também aquelas que expunham aspectos práticos gerais. Os textos procuram descrever e caracterizar termos como dados, jornalismo de dados e jornalismo econômico, traçar panoramas históricos ou demonstrar a utilização de ferramentas comuns a qualquer tipo de cobertura realizada com dados (não necessariamente centradas em economia).

Um segundo bloco de seções (intitulado “Pacotes de cobertura com dados”) é estritamente focado na cobertura de economia. O formato de apresentação destas seções teve inspiração nos “Story packs” (figura 1) disponibilizados pela organização americana

Investigative Reporters and Editors (IRE), dedicada ao aperfeiçoamento da reportagem investigativa na imprensa global. Segundo informa o site da organização <www.ire.org>, a IRE foi criada em 1975 para possibilitar a troca de informações entre jornalistas de todo o mundo, de modo a se ajudarem mutuamente compartilhando ideias de pauta, técnicas de coleta de informação e fontes. Mediante associação paga, os membros da organização podem ter acesso a uma série de recursos, incluindo os “Story packs”, pacotes de materiais e ferramentas que têm como objetivo ajudar os jornalistas a abordar determinados assuntos que eventualmente desconheçam, produzindo reportagens de qualidade com viés investigativo. A reprodução desse conceito no manual teve como objetivo assegurar que um jornalista ou um estudante de jornalismo sem familiaridade com a cobertura econômica se tornasse minimamente capaz de compreender o jargão e os assuntos mais recorrentes e soubesse como e onde procurar dados para elaborar suas primeiras peças jornalísticas sobre cada tema.

Foram desenvolvidos dois pacotes de cobertura com dados para *Siga os Números*: um sobre finanças e investimentos pessoais e outro sobre negócios e empresas. Cada um incluiu indicações de ferramentas online para obter conhecimento genérico sobre cada tema abordado, um banco de sites e bases onde buscar dados e explicações sobre como utilizá-los, além de exemplos de reportagens que utilizaram dados, de modo a instigar os leitores a procurá-los por conta própria. Os pacotes incluem tanto materiais inéditos desenvolvidos pela autora (sobretudo as orientações sobre onde e como encontrar dados), quanto indicações de materiais externos – como manuais, livros, cursos online, vídeos e outros recursos.

A elaboração de algumas seções contou com o apoio da Escola de Dados, entidade global focada na capacitação dos cidadãos para lidar com dados, de modo a contribuir com o fortalecimento das democracias por meio da compreensão e utilização de dados públicos de forma relevante e impactante. Conforme Natália Mazotte⁴, coordenadora da Escola de Dados no Brasil, o programa surgiu em 2012 no Reino Unido. Com o tempo, ampliou a rede de parceiros e colaboradores para diversos países, incluindo Brasil, México, Espanha, Itália, França, Romênia, Hungria, Indonésia, Índia, Nigéria e África do Sul. Uma parceria estabelecida com a organização possibilitou que o manual reproduzisse, adaptasse e complementasse os conteúdos de treinamentos online que ela oferece, especialmente aqueles

⁴ Informação concedida à autora em 24 de janeiro de 2017.

focadas no uso de ferramentas de captura e obtenção, organização e limpeza de dados. O material é disponibilizado sob a licença Creative Commons Attribution-ShareAlike, que permite o compartilhamento e a adaptação para qualquer propósito, inclusive comercial.

O conteúdo de *Siga os Números* procurou abordar, em alguma medida, todas as etapas da elaboração de uma peça jornalística – a apuração, a redação, a edição e a apresentação ao público. Cabe lembrar, no entanto, o conceito de notícia como uma construção social, que resulta da interação entre os jornalistas e as fontes de informação, a sociedade e os outros jornalistas, membros de uma comunidade com identidade profissional, valores e cultura comuns (TRAQUINA, 2004). As técnicas, práticas e ferramentas do jornalismo de dados se inserem como mais um item dessa construção social, mas a maneira como os jornalistas farão uso delas é algo que o manual não é capaz de delimitar. Ainda que aspectos éticos e melhores práticas com dados tenham sido abordados, *Siga os Números* se exime da discussão ideológica, reservada aos jornalistas e aos veículos de comunicação nos quais (ou para os quais) trabalham.

4 Considerações finais

O arcabouço de práticas, técnicas e ferramentas que possibilitam o uso intensivo de dados para fazer jornalismo tem se desenvolvido rapidamente. A ampla disponibilidade de bases de dados – muitas delas gratuitas, não raro relativamente organizadas – e a disseminação de aparatos tanto institucionais (como as Leis de Acesso à Informação) quanto operacionais (como softwares para coleta, limpeza, análise e visualização de dados) facilitaram o acesso a informações que, em outro momento, restariam adormecidas. Em outras palavras, esse conjunto de condições tem feito emergir apurações inéditas e potencialmente mais sofisticadas, a partir de dados existentes e públicos. Sendo uma especialização jornalística associada ao manuseio de números, a cobertura de economia pode se valer de instrumentos próprios do jornalismo de dados em seus produtos.

Dada a usual resistência dos jornalistas e estudantes de jornalismo a lidar com números, análises de dados e termos econômicos, *Siga os Números* procura orientar seus leitores sobre onde encontrar, como capturar e de que maneira utilizar dados em apurações de finanças e negócios. Também tem como objetivo introduzir os conceitos e detalhar os mecanismos de

funcionamento dos mercados que mais frequentemente são acionados na cobertura dos assuntos em questão. Dado o caráter introdutório do manual, buscou apresentar o amplo leque de possibilidades aberto pelas práticas, técnicas e ferramentas de jornalismo de dados, selecionando dentre elas as mais simples e imediatamente úteis para o cotidiano de um jornalista de economia. Abordou, ainda, aspectos éticos, assegurando que seus leitores tivessem contato com um rol mínimo de melhores práticas com dados para tomarem suas decisões quanto à utilização deles.

Considerando que nem o jornalismo de dados nem o jornalismo econômico são vistos como especializações triviais pelos jornalistas e estudantes de jornalismo, e considerando a pouca disponibilidade de materiais de caráter didático em língua portuguesa que relacionem os dois temas, acredita-se que *Siga os Números* possa contribuir para a formação destes profissionais, em um momento em que tende a crescer o nível de exigência quanto às habilidades deles no manuseio de dados.

Cabe ressaltar que *Siga os Números* não é uma obra acabada. Uma rotina de revisão do conteúdo, assegurando que seja ampliado e se mantenha atualizado, é necessária para garantir que se conserve como uma ferramenta proveitosa para seus leitores no futuro. A disseminação de treinamentos relacionados às práticas jornalísticas mundo afora é crescente, e eles têm conquistado público considerável. Um exemplo é o curso online aberto e massivo (ou MOOC, na sigla em inglês) *Data exploration and storytelling: Finding stories in data with exploratory analysis and visualization*, promovido pelo Knight Center for Journalism in the Americas, vinculado à Universidade do Texas, entre janeiro e fevereiro de 2017. Contando com mais de 6 mil participantes de 145 países⁵, é mostra de que há interesse – e, talvez mais do que isso, indica que os jornalistas estão reconhecendo a necessidade de ampliar seu repertório de habilidades para fazer frente ao momento atual. Da mesma forma, o conteúdo de *Siga os Números* pode ser inserido neste movimento, seja como material de suporte para cursos de graduação e especialização, seja como matéria-prima de treinamentos online ou presenciais, seja como inspiração para trabalhos a serem realizados por outros pesquisadores e profissionais. Menos de quatro meses após ter seu conteúdo aberto na internet, mais de dois mil usuários únicos acessaram o material.

⁵ Informação obtida junto à organização do curso.

Referências bibliográficas

- ÁVILA, Ana María. Periodismo de Datos: Historia y Momento Actual. In: **Manual de Periodismo de Datos Iberoamericano**. 2013. Disponível em: <<http://manual.periodismodedatos.org/ana-maria-avila.php>>. Último acesso em 29 jan. 2017.
- BARBOSA, Suzana Oliveira; TORRES, Vitor. O paradigma ‘Jornalismo Digital em Base de Dados’: Modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. **Galaxia**, São Paulo, n. 25, jun. 2013.
- BASILE, Sidnei. **Elementos de jornalismo econômico**: A sociedade bem informada é uma sociedade melhor. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- BOUNEGRU, Liliana. Jornalismo de dados em perspectiva. In: **Manual de Jornalismo de Dados**. 2014. Disponível em: <http://datajournalismhandbook.org/pt/introducao_4.html>. Último acesso em 29 jan. 2017.
- BRADSHAW, Paul. O que é jornalismo de dados? In: **Manual de Jornalismo de Dados**. 2014. Disponível em: <http://datajournalismhandbook.org/pt/introducao_0.html>. Último acesso em 29 jan. 2017.
- BRADSHAW, Paul. **Data Journalism Heist**. S.l.: Leanpub, 2015.
- BRASIL. Aspectos gerais da lei. **Acesso à informação, Governo Federal**. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/4GgSH2>>. Último acesso em 29 jan. 2017.
- CALDAS, Suely. **Jornalismo Econômico**. São Paulo: Contexto, 2010.
- GEHLEN, Marco Antônio. **Jornalismo de (Im)precisão**: O conhecimento matemático e a apuração de números. 2016. 319 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre.
- HOWARD, Alexander Benjamin. **The Art and Science of Data-Driven Journalism**. Nova York: Tow Center for Digital Journalism, Columbia University, 2014. 144 f. (Relatório de pesquisa)
- KLEIN, Scott. Infographics in the time of cholera. In: ProPublica. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/5MonXB>>. Último acesso em 29 jan. 2017.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo Econômico**. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- LORENZ, Mirko. Modelos de Negócio para o Jornalismo de Dados. In: Manual de Jornalismo de Dados. 2014a. Disponível em <http://datajournalismhandbook.org/pt/na_redacao_9.html>. Último acesso em 29 jan. 2017.
- LORENZ, Mirko. Por que jornalistas devem usar dados? In: **Manual de Jornalismo de Dados**. 2014b. Disponível em: <http://datajournalismhandbook.org/pt/introducao_1.html>. Último acesso em 29 jan. 2017.

MEYER, Philip. **The New Precision Journalism**. 1991. Disponível em:
<<http://www.unc.edu/~pmeyer/book/>>. Último acesso em 29 jan. 2017.

PARK, Eun Yung. O estado da arte do jornalismo econômico brasileiro dos anos 50 à primeira década de 2000. In: **Revista Alterjor**, ano 7, vol. 1, ed. 13, jan-jun 2016, p. 66-93. São Paulo, 2016.

PULITI, Paula. **O juro da notícia: Jornalismo econômico pautado pelo capital financeiro**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

QUINTÃO, Aylê-Salassiê Filgueiras. **O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

ROGERS, Simon. **Facts are sacred**. Londres: Faber and Faber, 2013.

ROUSH, Chris. **Curso online S&P Global Financial Data Journalism**, 2016. Apostila oferecida pelo International Center for Journalists (ICFJ), Washington, 2016.

ROYAL, Cindy, BLASINGAME, Dale. Data journalism: An explication. **#ISOJ The Journal of the International Symposium on Online Journalism**, vol. 5, n. 1, 2015.

SILVA, Jaqueline Paiva e. **A Broadcast, o mercado financeiro e a cobertura de economia da grande imprensa**. 2002. 244 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília.

STERLING, Christopher H. **Encyclopedia of Journalism**. Thousand Oaks: Sage Publications Inc., 2009.

TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Entrevistando planilhas: Estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil**. 2014a. 314 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre.

TRÄSEL, Marcelo Ruschel. O jornalismo guiado por dados numa perspectiva brasileira. In: **Manual de Jornalismo de Dados**. 2014b. Disponível em:
<http://datajournalismhandbook.org/pt/introducao_5.html>. Último acesso em 29 jan. 2017.

WERTHEIN, Jorge; DA CUNHA, Célio. **Fundamentos da nova educação**. Brasília: Unesco, 2005. 84f. (Cadernos Unesco, Série educação, Volume 5) Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129766por.pdf>>